

**DIRETORES**  
 Antônio Carlos Costinho Nogueira  
 José Bonifácio Costinho Nogueira Filho

**CONSELHO EDITORIAL**  
 Antônio Carlos Costinho Nogueira,  
 Gero Porto, Ivan Suzima,  
 José Bonifácio Costinho Nogueira Filho,  
 Liana John, Paulo Nogueira Neto, Rogério Sabiani,  
 Sérgio Scholl, Suzana Mochado Pádua

**DIRETOR EDITORIAL**  
 Gero Porto

**EDITORES EXECUTIVOS**  
 Liana John  
 Waldemar Silveira

**EDITORES**  
 Luiz Figueiredo  
 Mariana Ribeiro

**DIREÇÃO DE ARTE**  
 Mathias Jeremias Fortanato

**ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA**  
 Mathias Jeremias Fortanato  
 Renato Munhoz

**FOTOGRAFIA**  
 Agostinho Melo, Carlos Alberto Costinho,  
 Cláudio Proença, Fábio Coimbra,  
 Geise Trivélato, Joséildo Rodrigues,  
 Rubens Renato Cipiani, Silvestre Silva

**COLABORADORES DESTA EDIÇÃO**  
 Alberto Lindner, Angélica Piccolatto,  
 Fernando Kucala, Helei Sacconi,  
 Henrique Picarelli, João Paulo Krajewski,  
 João Proderis, Jósana Sales,  
 Marcelo Gusmano, Marina Mueller,  
 Marissa Whitney, Patrícia Peres

**JORNALISTA RESPONSÁVEL**  
 Gero Porto (Ats 20/41)

**ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE**

**DIRETOR**  
 Antônio Wellington da Costa Lopes

**GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO**  
 Regiane Elias Rigoni

**DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL**  
 Fernando Chazajka

**IMPRESSÃO** - Glábo Costriane

**PARA ANUNCIAR**

**Gerência Comercial (11) 3776-6535**

**Bahia:** (71) 3243-3583 / 9154-0547  
**Brasília:** (61) 3321-9100 / 3855-1884  
**Belo Horizonte:** (31) 3423-6647 / 2870-3447

**Carapicua e Interior SP:**

(11) 3776-6583 / 91578313

**Mato Grosso/ Mato G. do Sul e Goiás:**

65-9275-7446 / 1071-9622-439

**São Paulo (capital):** (11) 9510-9928

**Email:** regiane@terraegente.com.br

Fábio Coimbra  
 Serviço editorial  
 e-mail: fabio@terraegente.com.br

A revista Terra & Gente é  
 uma publicação mensal da  
 Terra & Gente Produções e  
 Eventos Ltda, uma empresa  
 do Grupo EPTV

**ANER**

**Terra da Gente**  
 Editora



## DEDO DE PROSA

LIANA JOHN

### O partido da biodiversidade

**A**o exercer o jornalismo, cedo aprendemos que objetividade é uma qualidade a ser perseguida e subjetividade é um defeito profissionalmente mal visto. Mesmo ao optar por uma especialidade como o jornalismo ambiental — o que significa lidar frequentemente com polêmicas carregadas de emoção — é preciso manter uma cautelosa distância de observador para melhor organizar e transmitir as informações. Mas, às vezes, os fatos derrubam tais regras e nos atingem no coração. E, então, tomamos partido.

É o caso do 'nosso' filhote de harpia, cuja história contamos nesta edição. É só um filhote sobrevivente, em meio a tantos que todos os anos morrem porque as matas onde deveriam morar são derrubadas, ou porque seus pais não encontram presas suficientes para alimentá-los nos remanescentes de vegetação, ou, ainda, porque um dos pais é capturado pelo tráfico ou para a confecção de cocares e outros artefatos de penas. É só um filhote de cativado, em meio a uma população amplamente distribuída nas três Américas. É só um indivíduo de uma espécie de grande porte, forte, de rapina, de uma espécie listada 'apenas' como 'próxima de ameaçada', categoria que não merece muita atenção das autoridades ou da mídia.

Com certeza é pouco em termos estatísticos, é pouco diante da imensa riqueza biológica de todo o País, mas é um filhote pelo qual torcemos desde antes de a fêmea botar o ovo, desde quando o quase-irmão mais velho morreu, há um ano. Frustrados com o fracasso da primeira tentativa de reprodução do 'nosso' casal de harpias, esperamos meses pela notícia de uma

nova postura, ocorrida este ano. Depois contamos os dias até o filhote eclodir e acompanhamos seu ganho de peso até ele estar fora de perigo e poder suportar uma sessão de fotos e gravação de imagens. E porque o conhecemos pessoalmente buscamos mais informações sobre sua espécie, seus hábitos, sua dieta, suas chances de representar o início de um projeto de reintrodução na natureza, sobretudo na Mata Atlântica, onde as harpias se tornaram especialmente raras por conta da fragmentação da floresta.

Em outras palavras, nosso envolvimento com esse filhote nos envolve, por sua vez, na luta de quem está empenhado em garantir sua vida. E nos envolve numa briga maior, em defesa da espécie, em defesa do ambiente no qual ela vive, em defesa da diversidade de animais que a alimenta. A partir de um filhote, renovamos nosso voto no partido da biodiversidade.

Isso nos faz refletir sobre a relação entre a população brasileira e as espécies que compõem a diversidade biológica do Brasil. Cada vez mais urbana e mais distante da fauna nativa — senão totalmente apartada, inclusive das unidades de conservação que devem proteger essa biodiversidade — a maioria da população brasileira não tem essa mesma chance de tomar partido. E o engajamento certamente faz falta. Refazer essa conexão através de reportagens que misturam objetividade com emoção talvez seja um antídoto para tal distanciamento. Ou, pelo menos, uma boa desculpa para nossos deslizes subjetivos. Boa leitura!